

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS**

EDUARDA RAFAELA SILVA OLIVEIRA

**LINGUAGEM NEUTRA: UMA ANÁLISE DA PROPOSTA E DE
SUAS POSSÍVEIS CONSEQUÊNCIAS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA**

ALFENAS

2023

EDUARDA RAFAELA SILVA OLIVEIRA

**LINGUAGEM NEUTRA: UMA ANÁLISE DA PROPOSTA E DE SUAS
CONSEQUÊNCIAS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA**

Monografia apresentada ao curso de Letras-Português da Universidade Federal de Alfenas-UNIFAL, como requisito para obtenção do título de licenciatura em Letras-Português, sob orientação do professor Dr. Celso Ferrarezi Júnior.

Alfenas

2023

EDUARDA RAFAELA SILVA OLIVEIRA

**LINGUAGEM NEUTRA: UMA ANÁLISE DA PROPOSTA E DE SUAS
CONSEQUÊNCIAS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA**

Monografia apresentada ao curso de Letras-Português da Universidade Federal de Alfenas-UNIFAL, como requisito para obtenção do título de licenciatura em Letras-Português, sob orientação do professor Dr. Celso Ferrarezi Júnior.

Alfenas, 15 de dezembro de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Celso Ferrarezi Jr. (Orientador)

Universidade: UNIFAL-MG

Prof. Dra. Rosângela Rodrigues Borges

Universidade: UNIFAL-MG

Prof. Dr. Elias Ribeiro da Silva

Universidade: UNIFAL-MG

Prof. Dr. Marcos de Carvalho (Suplente)

Universidade: UNIFAL-MG

DEDICATÓRIAS

Dedico este trabalho a minha querida mãe, Angélica, que sempre me apoiou e incentivou em todos os momentos, que é o exemplo de força e determinação que me inspira todos os dias.

Agradeço também ao meu amado pai, José, que sempre esteve ao meu lado, me ensinou a importância do esforço e dedicação, e sempre me encorajou a buscar meus sonhos.

Ao meu grande companheiro, meu namorado, Fábio, que me ajudou e compreendeu todos os desafios ao longo desta jornada, me impulsionando a sempre ir mais longe.

E por fim, dedico este trabalho ao meu professor e orientador, Ferrarezi, que com muita paciência e parceria não hesitou em compartilhar de seu conhecimento comigo.

A todos vocês, meu eterno agradecimentos pelo amor, apoio e compreensão que me ajudaram a chegar até aqui.

Sábio é aquele que compartilha conhecimento com o outro e o torna consciente do mundo e do seu papel na vida.

RESUMO

A presente monografia tem como objetivo explorar a relação intrincada entre linguagem, cultura e gramática, bem como a influência da ideologia na interação entre língua e sociedade. Será dada ênfase à mudança linguística ao longo da história e seu papel na transformação das estruturas e usos da língua, com destaque para o sistema pronominal do português brasileiro e a proposta de introdução de uma linguagem neutra neste idioma. Através da análise das perspectivas de linguistas renomados sobre essa proposta, o trabalho busca fornecer ao leitor informações suficientes para formar suas próprias opiniões e desenvolver uma compreensão crítica acerca do uso da linguagem neutra na língua portuguesa. São abordadas questões como a aceitação social dessa proposta, os desafios de implementação e os impactos na percepção de gênero e identidade. Ao explorar a complexidade dessas questões, o artigo oferece uma base sólida para a exploração e discussão do tema. Este estudo, assim, busca proporcionar suporte para a análise crítica e aprofundada do assunto em questão, ao fornecer uma visão abrangente sobre a relação entre linguagem, cultura e ideologia. A pesquisa incentiva uma reflexão sobre a influência da linguagem na construção social e convida o leitor a analisar as implicações da introdução de uma linguagem neutra no português brasileiro.

Palavras-chave: Cultura; Gramática; Ideologia, Linguagem Neutra; Português Brasileiro.

ABSTRACT

This dissertation aims to explore the intricate relationship between language, culture, and grammar, as well as the influence of ideology on the interaction between language and society. Emphasis will be placed on linguistic change throughout history and its role in transforming the structures and uses of language, with a focus on the pronominal system of Brazilian Portuguese and the proposal to introduce gender-neutral language in this language. Through the analysis of renowned linguists' perspectives on this proposal, the dissertation seeks to provide the reader with sufficient information to form their own opinions and develop a critical understanding of the use of gender-neutral language in Portuguese. Issues such as the social acceptance of this proposal, implementation challenges, and impacts on gender perception and identity are addressed. By exploring the complexity of these issues, the paper offers a solid foundation for the exploration and discussion of the topic. This study, therefore, aims to provide support for critical and in-depth analysis of the subject at hand, by providing a comprehensive overview of the relationship between language, culture, and ideology. The research encourages reflection on the influence of language on social construction and invites the reader to analyze the implications of introducing gender-neutral language in Brazilian Portuguese.

Keywords: Culture, Grammar, Ideology, Gender-Neutral Language, Brazilian Portuguese.

Sumário

Introdução	9
1- Língua, cultura e gramática.....	10
2- Língua, ideologia e gramaticalização	13
3- Mudança linguística e história	17
4. O sistema pronominal do português brasileiro.....	21
5. As propostas de linguagem neutra para o português brasileiro.....	27
5.1. Sistema “Elu”	27
5.2. Sistema “Ile”	28
5.3. Sistema “Ilu”	28
5.4. Uma análise sucinta das propostas apresentadas.....	35
5.5. Avaliações de linguistas e de gramáticos sobre essa proposta.....	38
6. Conclusão.....	48
Referências.....	50

INTRODUÇÃO

A proposta de criação de pronomes que não se associem ao gênero feminino nem ao gênero masculino, popularmente chamado de linguagem neutra, tem levantado muitas opiniões na língua portuguesa. Esta temática tornou-se uma das discussões mais recentes e polêmicas no âmbito da república das Letras, como apontam as notícias *Linguagem neutra fura a bolha e move polêmica que vai parar no STF* (VEJA) e *Proposta proíbe uso de linguagem neutra na língua portuguesa* (Câmara dos Deputados).

Enquanto a gramática conservadora defende que a língua já seja neutra, descartando a necessidade de criação de uma terceira classificação de pronomes, linguistas como Sírio Possenti, da Universidade de Campinas (Unicamp), argumentam que esse é um debate que deve ser levado a sério por "todes", em oposição, a linguista Cíntia Chagas considera um ato de injustiça com aqueles que possuem alguma dificuldade intelectual, como a dislexia por exemplo.

Portanto, existe um confronto de argumentos entre estudiosos sobre a necessidade, eficácia e aceitação social da linguagem neutra no português brasileiro. A reflexão acerca da aplicação desta linguagem na língua portuguesa é de extrema relevância nos dias atuais, uma vez que se faz necessário compreender o significado, da implementação dessas novas expressões no nosso idioma. Além disso, é fundamental entender os motivos pelos quais esse assunto tem se tornado cada vez mais polêmico. Entretanto, um aspecto pouco explorado nos estudos anteriores e que esta pesquisa busca investigar é a relação entre a linguagem neutra e a empatia para com às pessoas não binárias, bem como a visão dos linguistas sobre a sua possibilidade e evolução dentro do contexto do português brasileiro. Diversas pesquisas, como o artigo intitulado *Linguagem neutra - conceito e argumentos a favor e contra*, elaborado pelo Clube do Português, apresentam dois posicionamentos distintos acerca desse assunto, sendo um a favor dos novos termos utilizados e outro contrário a eles. Com base nessa ideia, o presente estudo pretende analisar de forma minuciosa e abordar detalhadamente os subtópicos relacionados ao tema, tais como a definição da linguagem neutra, a explicação sobre a formação das línguas, a não relação direta entre a gramática de uma língua e a ideologia desta ou de seus falantes individuais, bem como uma breve descrição da proposta de linguagem neutra para o português brasileiro, acompanhada das avaliações de alguns linguistas a respeito dessa proposta.

1- LÍNGUA, CULTURA E GRAMÁTICA

A origem das línguas naturais, pelo que sabemos, se dá a partir da necessidade humana de se comunicar. A ciência linguística tem afirmado, historicamente, que esses sistemas nascem simples e rudimentares, mas que, à medida que grupos de indivíduos se estabelecem em determinadas regiões e desenvolvem interações sociais, ocorre uma diversificação e um incremento de complexidade nos sistemas de comunicação existentes. Esses sistemas, que podem ser definidos como socializados e culturalmente determinados de representação de mundos e seus eventos (cf. FERRAREZI JUNIOR, 2010, p. 12), precisam, por isso mesmo, responder às necessidades comunicativas de cada comunidade, acompanhando seu desenvolvimento cultural e tecnológico.

Assim sendo, ou seja, por acompanharem o desenvolvimento cultural e tecnológico das comunidades que as usam, as línguas são sistemas “vivos”, em constante evolução. Elas mudam com o tempo devido a fatores internos, como a fonética, as regras combinatórias e o vocabulário, e a fatores externos, como o contato com outras línguas e mudanças na sociedade. “O léxico idiomático de um povo muda constantemente e pode se perder com o tempo, embora, naturalmente, carregue traços das gerações anteriores” (MENDES, 2017, p. 1008). Essas mudanças nas línguas podem ocorrer por meio de processos de derivação (formação de uma nova palavra a partir do acréscimo simultâneo de novos morfemas a estruturas já existentes), empréstimos linguísticos (incorporação ao léxico de uma língua, de um termo pertencente a outra língua), pela criação de palavras totalmente novas ou por mudança nas regras estruturais, entre outros.

A aprendizagem de uma língua pelos indivíduos ocorre naturalmente desde a infância. Os seres humanos têm a capacidade inata de adquirir uma linguagem, seja por meio de exposição direta à língua falada ao seu redor ou por meio de processos de ensino. Desse modo, a linguagem desempenha um papel fundamental na nossa compreensão e percepção do mundo ao funcionar como um meio de representação das coisas ao nosso redor. Logo, a língua é um sistema em constante construção, que é influenciado e influencia a nossa visão do mundo. Ela se desenvolve à medida que interagimos com o ambiente em que vivemos e com os diferentes mundos que podemos imaginar. Isso implica dizer que a língua é formatada pela cultura na medida em que a cultura exige da língua formas de expressão adequadas em todas as situações

imagináveis (FERRAREZI JUNIOR, 2010). É por isso que a língua deve ser considerada como um sistema dinâmico e retroalimentado, que se nutre e se enriquece por meio da interação entre o homem e esses mesmos mundos.

Todas as línguas possuem elementos estruturais básicos, como fonemas (sons distintivos), morfemas (unidades mínimas de significado), sintaxe (ordem gramatical das palavras) e léxico (conjunto de palavras). Esses elementos são organizados e combinados de maneiras específicas, formando regras e padrões. Mas, é importante ressaltar que a língua não é apenas uma ferramenta de comunicação, mas também uma expressão da cultura. É um produto criado e moldado pelas interações sociais ao longo do tempo. De acordo com Ribeiro (2010 apud Mendes, 2017), a língua e a sociedade são inseparáveis, uma vez que elas coexistem em um ecossistema que, metaforicamente, podemos comparar a uma simbiose. É importante ressaltar que essa simbiose é apenas metafórica porque, quando dizemos que a língua é uma “estrutura viva”, também o fazemos metaforicamente. Na verdade, línguas não são seres vivos no sentido biológico, mas emprestam dos falantes (estes sim seres vivos e sócio-histórico-culturais) sua dinamicidade. Logo, toda vez que usamos termos técnicos próprios da Biologia para nos referir às línguas naturais (p.e.: sistema “vivo”, “evolução” linguística, sistema “criativo”, “simbiose” entre língua e sociedade etc.), o fazemos de forma metafórica, e isso, na verdade, nos auxilia a compreender um pouco mais da natureza complexa das línguas.

A gramática das línguas se constrói através de um processo contínuo de evolução e desenvolvimento. Esse processo é muito diverso e complexo. Há um sem-número de alterações que podem se estabelecer com o tempo. Vejamos três exemplos, entre dezenas de fenômenos possíveis:

- a. Fusão: a preposição "de" e o artigo definido feminino "a" podem se fundir em "da", "a casa de Maria" pode se tornar "a casa da Maria";
- b. Mudanças de ordem das palavras: no português falado em Portugal, é comum a inversão da ordem das palavras em frases interrogativas. Em vez de "Você está bem?", pode-se dizer "Está você bem?";
- c. Criação de vocábulos: há poucos anos, não havia no português brasileiro o uso de palavras de origem inglesa (anglicismos) como “stalkear”, dar “match” e “crush”, mas essas palavras são comuns hoje em dia, especialmente nos ambientes virtuais.

Tudo isso tem uma decorrência factual: como a língua vai mudando em função das mudanças na comunidade de falantes, para compreender plenamente os significados das expressões, é necessário que o interlocutor possua conhecimento e esteja imerso na realidade extralinguística de onde essas expressões têm origem, de acordo com as afirmações de Cunha e Ferraz (2010). Isso implica que a compreensão de termos e expressões em uma língua está intrinsecamente ligada ao contexto cultural, social e histórico em que são usados. Por exemplo, provérbios ou gírias específicos de uma região podem parecer confusos ou incompreensíveis para alguém que não está familiarizado com aquela cultura. Portanto, é fundamental levar em conta a relevância do contexto extralinguístico ao interpretar o significado das expressões, o que nos leva a concluir que as mudanças no sistema linguístico nem são gratuitas nem ocorrem sem um lastro sócio-histórico-cultural que as justifique, ou seja, não são implementadas por força de lei tampouco pelo desejo solitário de um falante.

2- LÍNGUA, IDEOLOGIA E GRAMATICALIZAÇÃO

A relação entre linguagem e ideologia é intrínseca e complexa, pois a linguagem é um dos principais veículos de transmissão e perpetuação das ideologias de um povo. Através da linguagem, as ideias são comunicadas, compartilhadas e internalizadas pela comunidade, moldando as visões de mundo, valores, crenças e comportamentos dos indivíduos. “A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais” (BAKHTIN, 1995, p. 45).

A linguagem também funciona como um sistema de símbolos, signos e regras que permite a comunicação entre os membros de uma comunidade. Essa comunicação não é neutra, pois cada cultura, grupo social e indivíduo possui sua própria visão de mundo e interesses específicos, que são expressos através da linguagem, assim, ela pode refletir e perpetuar ideologias dominantes, isto é, aquelas que são aceitas e promovidas pelo poder estabelecido, bem como expressar resistências e subversões às ideologias dominantes.

As ideologias estão relacionadas à forma como vemos e interpretamos o mundo, determinando o que é considerado correto ou desejável, assim como o que é considerado errado ou indesejável. Por exemplo, uma ideologia política pode determinar a visão que um grupo tem sobre o papel do Estado na sociedade, a distribuição de recursos, as relações de poder, entre outros aspectos. Essas ideias são expressas e propagadas por meio da linguagem, seja de forma explícita, através de discursos e argumentos, seja de forma implícita, através de estruturas gramaticais, expressões linguísticas, metáforas e estereótipos. Além disso, a linguagem também influencia a forma como entendemos e interpretamos o mundo. Althusser (1985, p. 87) diz que a ideologia representa a relação do homem com as suas condições reais de existência. Logo, certas palavras ou construções linguísticas podem reforçar estereótipos, preconceitos ou desigualdades sociais, perpetuando ideologias discriminatórias. Da mesma forma, a falta de palavras ou expressões para descrever certas realidades ou experiências pode inviabilizar linguisticamente determinados grupos ou práticas, excluindo-os do discurso coletivo. Vejamos exemplos disso:

Como se sabe, as grandes metrópoles do Sudeste utilizaram mão de obra eminentemente nordestina em sua construção. São Paulo é o caso mais evidente disso. Como os nordestinos migrantes que construíram São Paulo eram fortemente discriminados pela comunidade sírio-libanesa e europeia dominantes, a estética nordestina, sempre muito colorida e alegre, pela influência da estética africana, era – e ainda é - igualmente discriminada. Por conta disso, o primeiro exemplo de discriminação presente na linguagem paulistana está em chamar, indistintamente, todos os nordestinos de “nortistas” (obviamente um erro geográfico crasso) e/ou de “baianos” (outro erro geográfico). O segundo exemplo está em chamar de “baianada” toda forma de estética muito colorida e alegre. Assim, na cidade de São Paulo, é muito comum que qualquer nordestino seja “baiano” e qualquer roupa, casa, automóvel ou objeto que seja muito colorido ou enfeitado seja uma “baianada”. Obviamente, nem “baiano” nem “baianada” são palavras com boa aceção. Pelo contrário, estão encravadas no linguajar paulistano como ofensas. Dessa forma, a relação entre linguagem e ideologia é bidirecional: a linguagem reflete e veicula as ideologias de uma sociedade, ao mesmo tempo em que as ideologias moldam e determinam a forma como a linguagem é utilizada e interpretada. Essa relação é fundamental para compreendermos como a linguagem é um instrumento de poder e como sua análise pode revelar estruturas de poder, dominação e resistência presentes em uma sociedade.

Nos domínios da linguagem, parece não existirem afirmações apenas positivas ou só negativas, mas afirmações complexas, simultaneamente positivas e negativas. Quando nos interrogamos sobre as relações que a linguagem mantém com a história, não encontramos o sim ou o não, mas antes o sim e o não”. (FIORIN 1998, p.73)

Segundo Fiorin (1998, p. 73), na citação acima, a linguagem mantém uma relação complexa com a construção sócio-histórica e cultural de um povo. Ele nem sempre está atualizada em relação às mudanças sociais, porque há resistência de certos grupos para que essas atualizações ocorram. Mas, isso é obviamente muito mais patente no campo lexical do que na dimensão gramatical de uma língua.

Como já vimos, a língua em si não tem vontade própria, ou seja, a língua não escolhe ser machista ou feminista ou qualquer outra coisa. Embora, se tenha afirmado que a palavra é o elemento ideológico por excelência (cf. VOLOSHINÓV, 2018), a ideologia contida no signo não é uma propriedade intrínseca do sistema linguístico, mas uma imputação que os falantes lhe fazem. Logo, como instrumento de poder, *a língua é um objeto em constante disputa pelos grupos sociais que a utilizam*. Não sem razão, é a partir de diferenças na forma de utilização da

linguagem que o preconceito linguístico se manifesta como uma das mais nefastas formas de segregação social que conhecemos. E, também não sem razão, as atualizações lexicais na língua são motivos de disputas que chegam ao Congresso Nacional, como na tentativa de se aprovar uma lei proibindo os estrangeirismos no país.

O sistema gramatical de uma língua é formado pelas regras e estruturas que governam o funcionamento orgânico do sistema linguístico. Isso inclui, por exemplo, como as palavras são formadas, combinadas e pronunciadas para formar frases significativas em cada situação de uso da língua. Cada língua possui seu próprio sistema gramatical único, como diz Ferrarezi (2010, p. 79):

A gramática de uma língua... é o conjunto de regras de operação da língua e, como regras de operação, ela não tem a característica – e o poder – de, sozinha, ser definidora de sentidos, uma vez que os sentidos são definidos por um processo muito mais complexo – que também inclui a gramática, mas não somente ela.

A gramática de uma língua tem sido tradicionalmente entendida como se fosse um sistema de “camadas” sobrepostas e profundamente interligadas. Assim, consiste em várias “partes”, incluindo a morfologia, a sintaxe, a semântica, a fonologia e a pragmática da língua.

A morfologia diz respeito à estrutura das palavras e como elas são formadas a partir de unidades menores, chamadas morfemas. A sintaxe estabelece a ordem das palavras e como as palavras se combinam para formar frases corretas. A semântica analisa o significado das palavras e como eles se relacionam entre si nas frases. A fonologia da língua dita como as palavras deverão ser pronunciadas em cada situação discursiva. Finalmente, a pragmática da língua define todas as regras de uso das estruturas que foram formadas. No entanto, a gramática de uma língua é separada dos aspectos ideológicos que a cercam, como os aspectos sócio-culturais. A gramática da língua é uma estrutura objetiva e sistemática, que está relacionada ao funcionamento interno da língua e à sua capacidade de comunicação. Ela não está ligada aos valores culturais ou às crenças ideológicas de um grupo de falantes. Ou seja, quando um traço semântico ou construção morfêmica são gramaticalizados e, por isso, passam a fazer parte do sistema linguístico, eles deixam de ter o valor semântico inicial e passam a funcionar como “índices de sistema”. Gonçalves (2007, p. 22) define como:

Numa formulação de caráter mais restrito, a gramaticalização poderia, então, ser definida como um processo por meio do qual alguns elementos de conteúdo lexical se desenvolvem no decorrer do tempo e, se gramaticais, passam a mais gramaticais ainda, apresentando-se mais previsíveis no que diz respeito a seu uso.

Vejamos alguns exemplos de português brasileiro para entender isso. Em nossa língua,

temos, hoje, dois gêneros gramaticais. Por gênero gramatical se entende a marcação de palavras com dois índices gramaticais distintos que funcionam como elemento diferenciador no processo de concordância adotado pela língua. Gênero gramatical, portanto, não tem qualquer relação objetiva com “gênero sexual”, “gênero biológico”. Em português, toda palavra nominal tem que ser marcada em gênero. É uma regra primordial na gramática dessa língua. Em outras línguas, há outras marcas como, por exemplo, de forma, no yanomami. Mas, uma palavra ser marcada como “masculina” ou “feminina”, em português, não significa que ela representa um ser masculino ou feminino na língua, nem mesmo que ela represente um ser sexuado. Assim é que:

- a. “baleia” é uma palavra gramaticalmente feminina, mas pode se referir a um ser do sexo masculino;
- b. “papagaio” é uma palavra gramaticalmente masculina, mas pode se referir a um ser do sexo feminino;
- c. “cadeira” é uma palavra gramaticalmente feminina, mas se refere a um ser assexuado, o mesmo que ocorre com “celular”, que é gramaticalmente masculina.

E, para a pergunta “Por que essas palavras são masculinas ou femininas” a resposta é apenas “Porque sim. Porque o sistema gramatical da língua exige isso.” Ou seja, a partir do momento que os traços semânticos de gênero foram gramaticalizados, eles perderam a representatividade anterior de se referir a seres masculinos ou femininos. Quando isso ocorre (por exemplo: “cachorro” é uma palavra gramaticalmente masculina e costuma se referir a um ser do sexo biológico masculino) é por mera coincidência entre a gramática e a representação referencial. Em suma, a gramaticalização de uma língua é um processo objetivo que independe dos aspectos ideológicos do grupo de falantes. A gramática de uma língua é essencial para garantir sua estrutura e compreensão, fornecendo uma base sólida para a comunicação eficaz.

Diferentemente, os aspectos ideológicos, juntamente com os aspectos lexicais e sócio-culturais, são influenciados por uma variedade de fatores externos que não estão organicamente relacionados à gramática em si. Dessa forma, embora a gramática seja uma parte fundamental de uma língua, sua evolução e desenvolvimento não dependem diretamente das crenças e ideologias de um grupo de falantes, sendo determinada por processos linguísticos mais intrínsecos. Isso resulta, por exemplo, que línguas que possuíam três gêneros gramaticais (masculino, feminino e neutro), como o latim, como muitas línguas indígenas brasileiras e muitas línguas indígenas africanas, tenham sido – ou ainda sejam - usadas por sociedades altamente machistas e discriminatórias. Ou seja: a mera existência de uma gramática que contemple o gênero neutro, muito infelizmente, não garante que a sociedade seja transformada e aprenda a ser democrática, moderna e equilibrada. Essas mudanças socioculturais demandam muito mais de um povo: demandam educação de qualidade que ensine empatia e respeito desde a primeira infância. Com esse objetivo, não há outro caminho a se seguir que seja conhecido pela humanidade.

3- MUDANÇA LINGUÍSTICA E HISTÓRIA

As mudanças linguísticas são processos naturais que ocorrem ao longo do tempo em uma língua. Elas podem resultar na alteração da pronúncia, gramática, vocabulário e significado das palavras. Essas mudanças podem ocorrer devido a diversos fatores, como contato com outras línguas, evolução cultural, e até mesmo mudanças na estrutura social de uma comunidade. “Os fatores socioculturais que respondem pelas mudanças linguísticas são basicamente a variação linguística (formas diferentes de dizer a mesma coisa que competem entre si até que uma delas se torne a mais usada) e o contato de línguas” (BAGNO, 2018).

Os falantes têm um papel fundamental nas mudanças linguísticas, pois são eles que utilizam a língua diariamente e, conseqüentemente, influenciam sua evolução. Ao utilizarem as palavras e expressões de maneira constante, vão moldando a língua de acordo com suas necessidades comunicativas. No entanto, é interessante observar que mudanças ideológicas marcantes quase nunca interferem em questões morfossintáticas. Isso ocorre porque as mudanças ideológicas estão mais relacionadas a crenças, valores, e concepções de mundo, enquanto as questões morfossintáticas dizem respeito à estrutura da língua. Isso, é claro, a menos que as mudanças ideológicas sejam muito vastas e alcancem praticamente todo corpo social. Um exemplo bem conhecido disso ocorreu em Portugal após a revolução burguesa. A língua portuguesa da coroa era muito parecida (no que tange à pronúncia) com o português brasileiro de hoje. Mas, depois da revolução industrial e a queda da coroa portuguesa, as pessoas não queriam mais falar como os “decaídos senhores imperiais”. Isso levou o país a uma mudança drástica na pronúncia da língua para o que, hoje, conhecemos como *português europeu*. No Brasil, o povo, ainda deslumbrado pelos encantos da realeza, manteve a língua mais próxima da pronúncia mais antiga, aquela do Rio de Janeiro no século VII, uma língua que chamamos de *português brasileiro*. Esse é um exemplo claro de mudança linguística de base ideológica, mas tais exemplos são proporcionalmente raros nas línguas humanas.

Bagno (2018), usa como exemplo de variação e mudança linguísticas a pronúncia das palavras "dia" e "tia" como "djia" e "tchia", o que é comum na fala da maioria dos brasileiros. Essas pronúncias são caracterizadas pela presença da vogal [i], que é produzida perto da região palatal (céu da boca). Isso faz com que as consoantes [d] e [t] sejam palatalizadas, ou seja, deixem de ser produzidas exclusivamente na região dental, no entanto, essa palatalização não é

exclusiva do português brasileiro, Bagno, cita exemplos como no inglês, “se a gente pedir a um falante de inglês que pronuncie a palavra soldier (“soldado”), vai ouvir claramente um “dj” (algo como “souldjer”), e o mesmo acontecerá se ele disser a frase I need you (“preciso de você”): vamos ouvir um “dj” na ligação do [d] de need com o [y] de you.” (BAGNO, 2018).

Como as línguas são sistemas complexos e dinâmicos, que estão em constante evolução, é através do uso diário por parte dos falantes que as línguas são remodeladas, muitas vezes de forma inconsciente. Essas remodelações são resultado dos processamentos cognitivos que ocorrem na mente das pessoas ao usar a linguagem. É importante ressaltar que esses processamentos cognitivos compartilhados pela espécie humana podem levar a resultados semelhantes em línguas sem nenhum parentesco. Isso significa que diferentes línguas podem passar por mudanças semelhantes, mesmo que não tenham uma origem comum. Isso demonstra a capacidade intrínseca da mente humana de moldar e remodelar a linguagem de acordo com suas necessidades e experiências.

em incontáveis línguas mundo afora, a expressão do futuro se dá pelo uso de um verbo auxiliar que pode indicar volição (“desejo”), obrigação (“dever”) ou movimento para adiante. O futuro em português se formou, inicialmente, com um auxiliar de obrigação: cantar hei (“tenho de cantar”) resultou em cantarei, e isso se deu em todas as línguas românicas. Hoje, o futuro mais comum é vou cantar, com um auxiliar de movimento para adiante. (BAGNO, 2018)

Bagno (2018) ainda completa que as línguas, mesmo em contextos culturais e sociedades diferentes, mostram a universalidade dos processamentos cognitivos que levam a mudanças linguísticas. Porém, quando pensamos em mudanças no vocabulário, como é o caso do estudo que ora fazemos com a linguagem neutra proposta pelos grupos LGBTQQICAAPF2K+¹ em alguns países mundo afora, inclusive no Brasil, precisamos

¹L: lésbicas;
G: gays;
B: bissexuais;
T: transexuais;
Q: queer;
Q: questionando;
I: intersexuais;
C: curiosos;
A: assexuais;
A: aliados;

esclarecer que não estamos falando das mudanças morfo-fonológicas mais comuns ligadas às variações e mudanças linguísticas, mas ao acréscimo ideológico de um arsenal de palavras e construções morfossintáticas que modificariam a língua portuguesa mais radicalmente do que pela mera mudança de pronúncia causada pela palatalização de consoantes. Senão vejamos: o acréscimo de lexemas a uma língua, normalmente, se dá em três situações:

- a. contato linguístico (o mais comum) - é quando povos de línguas diferentes entram em contato duradouro e a língua de um povo é influenciada pela língua do outro, especialmente por conta de objetos culturais que existiam em uma cultura e não em outra. Foi o que aconteceu, por exemplo, no período de influência da cultura francesa sobre o Brasil, quando se fixaram no português palavras como *sutiã, abajur, purê, suflê, mansão, garçom, arranjar, manjar, chapéu, bilhete, chefe, jaula, dama, joia, loja, chaminé, tricô, godê, manta, plissado, bizarro, costume*, entre tantas outras;
- b. empréstimo ou criação tecnológicos - quando um povo empresta algum objeto tecnológico de outra cultura ou cria algo novo em sua própria cultura (p. e.: tesoura, faca, motor, televisão etc.) e, para nomeá-lo, pode tanto emprestar o nome original do objeto (no caso de empréstimo), quanto criar um nome na própria língua (mais normal quando se trata de uma criação do próprio povo);
- c. mudança sócio-histórica - nesse caso, que é o mais raro de todos, novas palavras precisam ser criadas para representar as mudanças. Se a mudança é muito localizada em um grupo específico, pode-se criar um *falar socialmente localizado* (como ocorre em grupos sociais profissionais, entre presidiários ou grupos geograficamente isolados). Foi o que aconteceu, por exemplo, na criação do *pajubá* (ou *bajubá*), linguagem específica dos grupos LGBTQICAAPF2K+ brasileiros que, a despeito da midiatização que recebeu à época de sua criação, ficou restrito ao grupo social de origem. Outro exemplo, bem mais amplo, se deu com a mudança das regras trabalhistas brasileiras, em que apareceram - e são amplamente conhecidas hoje - palavras e expressões como décimo terceiro salário, auxílio-maternidade, auxílio-doença, entre outras. Mais recentemente,

P: pansexuais;

P: polisssexuais;

F: familiares;

2: 2-espíritos;

K: kin

+: outras identidades de gênero e orientações que não aparecem em destaque;

com a implementações de programas de assistência social governamental, entrou para o português o nome bolsa-família.

A linguagem neutra se encaixaria neste terceiro padrão de acréscimos lexicais. Uma mudança sociocultural exigiria novas palavras para sua expressão, pelo menos, teoricamente. O problema está justamente na aceitação geral, pelo corpo social, da mudança e da necessidade do novo léxico. Se a sociedade não aceita a mudança nem a necessidade do novo léxico, estes ficam restritos ao grupo proponente. E, é claro, quando se trata desse tema no Brasil, estamos lidando com complexas questões ligadas a muitas formas de preconceito e discriminação.

4. O SISTEMA PRONOMINAL DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

O sistema pronominal do português brasileiro possui várias formas de pronomes que são utilizados para diferentes casos e funções. Neste subtítulo explicaremos as principais categorias de pronomes (por exemplo, não citaremos os chamados “pronomes de tratamento”) e suas características como forma de considerar a necessidade e a importância de acréscimos de um léxico “neutro”. Segundo (Cunha e Cintra, 2016), as principais categorias pronominais do português são:

- a. pessoais;
- b. possessivos;
- c. demonstrativos;
- d. interrogativos; e
- e. indefinidos.

Estas seriam as classes mais típicas de pronomes justamente por atuarem como substitutivas referenciais, anafóricas ou catafóricas de sintagmas nominais. Vejamos uma a uma: Os **pronomes pessoais** apresentam as seguintes características:

1. Eles são capazes de indicar as três pessoas gramaticais, ou seja, quem fala (1ª pessoa), com quem se fala (2ª pessoa) e de quem se fala (3ª pessoa).

a) Na 1ª pessoa, temos os pronomes "eu" (singular) e "nós" (plural).

b) Na 2ª pessoa, temos os pronomes "tu" (singular) e "vós" (plural).

c) Na 3ª pessoa, temos os pronomes "ele" ou "ela" (singular) e "eles" ou "elas" (plural).

Como se pode ver, nessas formas, apenas as de terceira pessoa são marcadas e flexionáveis em gênero. Por isso mesmo, os autores analisam que:

2. Eles também podem representar, anafórica ou cataforicamente, uma forma nominal expressa quando estão na 3ª pessoa. Exemplo:

a) “**Maria** comprou um carro. **Ela** gostou muito”.

3. Os pronomes pessoais variam lexicalmente de acordo com a função representativa que desempenham na oração:

Exemplo:

a) “**Eu** comprei um livro. **Ele** é muito interessante”

Neste caso, "**eu**" é o pronome pessoal do caso reto, atuando como sujeito da oração, enquanto "**ele**" é o pronome pessoal do caso oblíquo, representando o complemento verbal "**livro**". Esta é, aliás, a diferença funcional entre os chamados pronomes *retos* e *oblíquos*: estes funcionam como complemento verbal enquanto aqueles, como sujeito. Aliás, é primordial que se esclareça que os pronomes, assim como as demais palavras de classes nominais do português, têm a pessoa gramatical marcada no radical e não em desinências de pessoa, estas privativas das palavras verbais.

Pronomes possessivos: Indicam posse ou pertencimento. Exemplos:

- a. meu / minha
- b. teu / tua
- c. seu / sua
- d. nosso / nossa
vosso / vossa
seu / sua

Ainda segundo Cunha e Cintra (2016, p. 333), “Os pronomes possessivos acrescentam à noção de pessoa gramatical uma ideia de posse.” Por exemplo:

- a. Este livro é **meu**.
- b. **Seu** cabelo é lindo.

Aqui precisamos observar que os pronomes possessivos são a única palavra no português que apresentam concordância simultânea com duas bases nominais diferentes (cf. FERRAREZI Jr., 2022), sendo que o radical (marcador de pessoa) concorda com o possuidor e as desinências concordam com a coisa possuída em gênero gramatical e, quando for o caso, em número gramatical. Assim é que temos estruturas como:

- a. Eu e *m-eu* livro. (onde: *m* – radical de primeira pessoa do singular; *eu* - desinência de gênero gramatical masculino)
- b. Eu e *m-inha-s* revistas. (onde: *m* – radical de primeira pessoa do singular; *inha-s* - desinências de gênero gramatical feminino e de número gramatical, respectivamente)

- c. Tu e *t-eu* livro. (onde: *t* – radical de segunda pessoa do singular; *eu* - desinência de gênero gramatical masculino)
- d. Tu e *t-ua-s* revistas. (onde: *t* – radical de segunda pessoa do singular; *inha-s* - desinências de gênero gramatical feminino e de número gramatical, respectivamente)
- e. Ele e *s-eu* livro. (onde: *s* – radical comum às terceiras pessoas do singular e do plural; *eu* - desinência de gênero gramatical masculino)
- f. Ele e *s-ua-s* revistas. (onde: *s* – radical comum às terceiras pessoas do singular e do plural; *ua-s* - desinências de gênero gramatical feminino e de número gramatical, respectivamente)

Como se pode ver, no que tange aos possessivos, o ser possuidor não é marcado em gênero gramatical, apenas a coisa possuída. “Os **pronomes demonstrativos** situam a pessoa ou a coisa designada relativamente às pessoas gramaticais. Podem situá-la no espaço ou no tempo.” (Cunha e Cintra, 2016, p. 342). Exemplo:

- a. **Esta** semana tem feriado.

Cunha e Cintra (2016, pg 342) afirmam que os demonstrativos empregam-se também para lembrar o que já foi mencionado ou o que se vai mencionar. É a sua função anafórica (do grego *anaphorikós* = que faz lembrar, que traz à memória). Exemplo:

- a. **Esta** cachorra é brava; **aquela**, não.

Como se pode ver, demonstrativos são marcados em pessoa nos radicais (*est-*, *ess-*, *aquel-*), mas recebem gênero gramatical pela via desinencial. “Chamam-se **interrogativos** os pronomes **que, quem, qual e quanto**, empregados para formular uma pergunta direta ou indireta.” (Cunha e Cintra, 2016, pg 366). É claro que a lista de interrogativos apresentada pelos autores é diminuta se comparada a realidade de língua. Porém, o que vale ressaltar é que os interrogativos também são marcados em pessoa gramatical no radical e apenas alguns possuem desinência de gênero. Exemplos:

- a. **Que** trabalho está fazendo?
- b. **Quantos** anos ela tem?
- c. **Quantas** amigas ela tem?

Conforme Ferrarezi Jr. (2022), os pronomes interrogativos servem à construção de interrogações com diáteses fechadas, uma vez que aquelas com diáteses abertas lexicalizam na própria sentença todas as representações necessárias a sua compreensão.

“Chamam-se **indefinidos** os pronomes que se aplicam à 3ª pessoa gramatical, quando considerada de um modo vago e indeterminado”, (Cunha e Cintra, 2016, pg 370). Exemplo:

- a. **Ninguém** foi contra a manifestação.
- b. **Todo** mundo já chegou.
- c. **Alguém** tem horas?

Da mesma forma que os demais pronomes, à exceção dos possessivos, os demonstrativos também marcam pessoa gramatical pelo radical e apenas alguns deles (p. e.: todos, todas) apresentam possibilidade de acréscimo de desinências para indicar gênero gramatical.

Assim, como vemos, a lacuna lexical apontada pelos grupos LGBTQQICAAPF2K+ para a representação de pessoas não binárias não atinge todo o sistema pronominal, uma vez que há pronomes em que a diferenciação entre masculino gramatical e feminino gramatical nem existe. As lacunas reais estariam mais voltadas para as terceiras pessoas e apenas de alguns tipos pronominais.

Porém, em nossa discussão, é importante destacar que o sistema pronominal das línguas naturais, assim como os demais elementos que as integram, está em constante evolução. Por exemplo, no sistema pronominal brasileiro, o pronome reto de segunda pessoa do plural (vós) já é moribundo, estando restrito a certos documentos escritos muito formais ou a textos antigos e o pronome ascendente “a gente” tem substituído com grande força o pronome tradicional de primeira pessoa do plural (nós), inclusive reduzindo o sistema de concordância que, de primeira pessoa do plural se adequa a “a gente” com a terceira pessoa do singular (*nós vamos > a gente vai*). Mudanças como essas são naturais e não são privilégio do português. O inglês, por exemplo, perdeu progressivamente, por volta do século XVII, os pronomes de segunda pessoa do singular *thou, thee, thy, thine* e o plural *ye* (de *you*), muito usados na época shakespeariana. Isso não destruiu a língua inglesa, que, depois, veio a se tornar a língua franca mundial.

Atualmente há discussões sobre a inclusão de pronomes “neutros”, pretensamente representativos de pessoas de gênero sexual não-binário, buscando uma maior representatividade linguística e inclusão na linguagem. Trata-se, evidentemente, de uma necessidade ideológica de representatividade linguística, uma vez que, no português brasileiro, assim como em muitas outras línguas, o feminino e o masculino são utilizados para diferenciar os gêneros gramaticais e não os gêneros sexuais. Ademais e justamente por isso, o masculino é frequentemente utilizado como gênero não marcado, ou seja, como uma forma genérica de se

referir a um grupo que inclui tanto homens quanto mulheres, pois o gênero gramatical, como já vimos, não tem equivalência com o gênero sexual. Isso ocorre em diferentes contextos e situações, desde o uso de pronomes pessoais como "ele" ou "eles" para se referir a um grupo misto de pessoas, até o uso de substantivos no masculino para se referir a profissões ou cargos.

Portanto, aqui precisamos retomar os princípios básicos da mudança linguística: até onde a conhecemos, ela não ocorre “por decreto”, mas em função de questões de ordem social, histórica ou cultural. A necessidade ideológica de representatividade do não-binarismo sexual pelos grupos LGBTQQICAAPF2K+ é, inegavelmente, uma tensão histórica de cunho social. Ela poderia, então, justificar uma mudança no sistema pronominal atual do português e, por consequência, no sistema de concordância da língua? Bem, isso depende da acolhida do corpo social. Como todos sabemos, tem havido uma discussão e uma midiaticização crescentes desse tema. A importância de incluir e valorizar a diversidade de gênero na linguagem tem sido erroneamente apresentada como forma de aumentar a conscientização das pessoas. Na verdade, isso tem gerado mais ódio e revides virulentos do que conscientização. Mas, também é inegável que os pronomes chamados de “*neutros*” *elu, ili, el@, elx*, têm ganhado espaço e são cada vez mais utilizados em certos grupos sociais. Diante disso, uma questão que se impõe é compreender o que se entende por “neutro” quando se fala desses novos pronomes. Obviamente, não se está falando de gênero gramatical, pois, como já explicamos, estes não representam biunivocamente os gêneros sexuais. Então, na verdade, se estaria falando de “neutralidade” como “não-binariedade sexual”, ou seja, com uma acepção referencial. Este é um conceito não contemplado na gramática de nenhuma língua conhecida. Seria realmente revolucionário, do ponto de vista gramatical, que houvesse um gênero gramatical biunivocamente relacionado a um gênero sexual. Mas, como dissemos anteriormente, se uma mudança desse porte ocorrerá em todo o sistema linguístico ou se ficará restrita a certos grupos sociais (como o já citado *pajubá*), dependerá da acolhida do corpo social de usuários da língua, o que pode ser rápido, lento ou sequer ocorrer.

A questão de gênero na linguagem, portanto, está intrinsecamente vinculada a ideologias específicas. Da mesma forma que se acredita que a centralidade masculina na maioria das sociedades tenha definido o gênero gramatical masculino como “genérico”, básico ou não-marcado, mudar essa representação demanda mudanças sociais profundas o suficiente para que se tenha a sensação de que o custo-benefício da mudança é positivo, ou seja, de que vale a pena mudar a língua com tudo o que isso implica em sociedades altamente letradas como as de fala

portuguesa (em sociedades letradas, mudanças linguísticas implicam mudanças em materiais escritos e, por consequência, milhões - ou bilhões - de reais em gastos. Calcula-se, por exemplo, que a reforma ortográfica de 2012 tenha custado cerca de quatro bilhões de reais ao Governo Federal). Porém, essa é uma discussão que transcende fronteiras culturais e está relacionada à busca de certos grupos sociais por uma linguagem que tais grupos consideram mais representativa de sua realidade objetiva comportamental. Há, portanto, instalada - e muito bem estabelecida - uma *tensão social* na direção da mudança linguística e, por outro lado, grupos antagônicos igualmente determinados a impedi-la. Como as línguas estão em constante evolução e adaptação e como a forma como nos expressamos e nos comunicamos reflete as mudanças e os valores da sociedade, essa tensão pode sim provocar as esperadas mudanças. Mas, isso a Ciência não tem como definir hoje.

5. AS PROPOSTAS DE LINGUAGEM NEUTRA PARA O PORTUGUÊS BRASILEIRO

A proposta da linguagem neutra para o português brasileiro está inserida em um contexto de luta pela inclusão e representatividade de todas as identidades de gênero. Isso tem ocorrido não apenas no Brasil, mas também em países como a França e a Alemanha, e igualmente não sem resistência. A ideia é que, por meio da linguagem seja possível superar a tradicional divisão binária de gênero (masculino e feminino). Assim, a proposta de adição de elementos chamados de “neutros” na linguagem busca uma forma de comunicação que não invisibilize pessoas não binárias, transgênero, intersexuais e de outras identidades de gênero diversas. Com base nesse ideário, formou-se um movimento organizado que propõe, como forma de “neutralização de gêneros” na expressão linguística, a utilização de elementos como “@”, “x”, “e”, “ê”, “es” e “le”, como morfemas de gênero nos nomes e pronomes como “elu” e “minhe”, entre outros. Essas formas de expressão, no momento de se referir a uma coletividade humana, por exemplo, se oporiam ao ato de priorizar os marcadores gramaticais que definem os sexos masculino ou feminino tradicionalmente representados.

O artigo *Manual para o uso da linguagem neutra na língua portuguesa*, de Gioni Caê (2020), nos traz diversos exemplos do que propõe esta nova variação para a nossa língua. A proposta é dividida no que se chama de “sistemas”. Vejamos as principais modificações propostas:

5.1. SISTEMA “ELU”

Pode ser pronunciado como “êlu” ou “élu”. Talvez, este seja o mais prático (e, portanto, o que parece ser mais adotado), pois funciona bem em ambas as modalidades. Neste sistema o “a” ou “e” no final dos pronomes é substituído por um “u”.

Pronomes: *elu, elus, delu, delus, nelu, nelus, aquelu, aquelus etc.*

Exemplos:

- a. Elu comeu uma pizza.
- b. O gato é delu.

5.2. SISTEMA “ILE”

Pode ser pronunciado como “ile” ou “ili”. Este sistema partiu do sistema Ilu, com o objetivo de distanciar-se ainda mais dos pronomes binários (ela/ele).

Pronomes: *ile, iles, dile, diles, nile, niles, aquile, aquiles etc.*

Exemplos:

- a. Ile comeu uma pizza.
- b. O gato é dile.

5.3. SISTEMA “ILU”

Pronuncia-se como se escreve. Foi a partir desta proposta que surgiu o sistema “elu”, este na tentativa de assemelhar-se mais com os pronomes binários (ela/ele).

Pronomes: *ilu, ilus, dilu, dilus, nilu, nilus, aquilu, aquilus etc.*

Exemplos:

- a. Ilu comeu uma pizza.
- b. O gato é dilu.

Sistema “EI”

Pode ser pronunciado como “êl” ou “él”. Este é um sistema mais simples que surgiu pela supressão da vogal demarcadora de gênero.

Pronomes: *el, els, del, dels, nel, nels, aquel, aquels etc.*

Exemplos:

- a. El comeu uma pizza.
- b. O gato é del.

Na tentativa de se promover uma linguagem neutra, várias outras práticas linguísticas estão sendo propostas (e adotadas por certos grupos sociais), principalmente o que se tem chamado de “neutralização de gêneros”, o que consiste em buscar termos que representem todas as identidades de gênero de forma equitativa, buscando evitar o uso de palavras que remetam a gêneros específicos quando não são relevantes para o contexto. Crê-se que isso promove a quebra de elementos de identificação de gênero presentes na língua. Outra prática inclui a introdução de novas formas de tratamento que não estejam atreladas a gêneros específicos, substituindo, por exemplo, "senhor" e "senhora" por expressões consideradas neutras como "senhore”. Vejamos exemplos de como essas práticas “neutralizadoras de gênero” funcionariam no português brasileiro **para os substantivos e adjetivos**:

Caso 1: Quando a palavra termina em -a/-o, propõe-se substituir as desinências de gênero masculina ou feminina pela “neutra” -e:

- a. filho/a: filhe
- b. lindo/a: linde
- c. esposo/a: espose

Caso 2: Quando a palavra termina com -co/-ca, propõe-se substituir a sílaba final por -que:

- a. médico/a: médique
- b. autêntico/a: autêntique
- c. técnico/a: técnique

Caso 3: Quando a palavra termina em -go/-ga, propõe-se substituir as sílabas finais por -gue:

- a. amigo/a: amigue
- b. cego/a: cegue
- c. psicólogo/a: psicólogue

Caso 4: Quando a palavra termina em -ão/-ã, propõe-se substituir a desinência de gênero masculina ou feminina por -ane(s):

- a. irmão/ã: irmane

- b. irmãos/ãs: irmanes
- c. capitão/ã: capitane
- d. capitães/ãs: capitanes

Caso 5: Quando a palavra termina em -ão/-ona, propõe-se substituir a desinência de gênero masculina ou feminina por -one(s):

- a. chorão/ona: chorone(s)
- b. grandão/ona: grandone(s)

Caso 6: Quando a palavra termina em -r/-ra, propõe-se substituir a desinência zero de gênero masculina ou a feminina por -re (no singular) e por -ries (no plural):

- a. trabalhador/a: trabalhadore
- b. trabalhadoras/as: trabalhadories
- c. administrador/a: administradore
- d. administradores/as: administradories
- e. professor/a: professore
- f. professores/as: professories

Caso 7: Quando a palavra termina em -ês/-esa, propõe-se substituir a desinência de gênero masculina ou feminina por -ese/-esu:

- a. português/esa: portuguese/portuguesu
- b. camponês/esa: camponese/camponesu

Além de pronomes, substantivos e adjetivos, a linguagem neutra no português brasileiro também propõe mudanças nos artigos, preposições, pronomes pessoais oblíquos, possessivos, demonstrativos, quantificadores entre outros. Ainda com exemplos do *Manual para o uso da linguagem neutra em língua portuguesa*, de Gione Caê (2020), podemos ver o que se propõe **para os artigos definidos:**

Propõe-se a substituição dos artigos o/os e a/as por ê/ês ou le/les.

Exemplos:

- a. Ê Carlos é muito esperte.
- b. Le Ariel é linde.

Pode-se optar por simplesmente suprimir o artigo.

Exemplos:

- a. Carlos é muito esperte.
- b. Ariel é linde.

Nos artigos indefinidos:

Propõe-se a substituição os artigos um/uns e uma/umas por ume/umes.

Exemplo:

- a. Elu é ume ótime chefie de cozinha.

Em casos de contrações das preposições com os artigos definidos.

Exemplos:

- a. pelo/pela: pele ou por
- b. do/da: de
- c. no/na: ne
- d. à/ao: ae
- e. àquele/àquela: àquelu/àquel

Exemplo de uso em frase:

- a. A minha carteira foi devolvida por elu.

Em casos de contração das preposições com os artigos indefinidos:

Exemplo:

- a. num/numa: nume

Exemplo de uso em frase:

- a. A tinta respingou nume colaboradore.

Em casos de contração das preposições com pronomes pessoais:

Exemplo:

dele/dela: delu/del

Exemplo de uso em frase:

O livro é delu/del.

Em casos de contração das preposições com pronomes demonstrativos:

Exemplos:

- a. deste/desta: destu
- b. desse/dessa: dessu
- c. daquele/daquela: daquelu/daquel
- d. nesse/nessa: nessu
- e. neste/nesta: nestu
- f. naquele/naquela: naquelu/naquel

Exemplo de uso em frase:

- a. Esta caneta é daquelu/daquel menino.

Nos pronomes pessoais oblíquos:

Exemplos:

- a. o/a: e
- b. lo/la: le
- c. no/na: ne

Exemplos de usos em frases:

- a. Ele chamou-e de princese.
- b. Filhe, nós vamos amá-le de qualquer forma.
- c. Chamaram-ne de idiote.

Nos pronomes adjetivos e outros determinantes

Possessivos:

Exemplos:

- a. meu/minha: minhe/mi
- b. teu/tua: tue/tu
- c. seu/sua: sue/su
- d. nosso/nossa: nosse
- e. vosso/vossa: vosse

Exemplos de usos em frases:

- a. Elu é minhe amigue.
- b. Elu é tu amigue?

Demonstrativos:

Exemplos:

- a. este/esta: estu
- b. esse/essa: essu
- c. aquele/aquela: aquelu/aquel
- d. mesmo/mesma: mesme
- e. próprio/própria: própie
- f. outro/outra: outre

Exemplos de usos em frases:

- a. Essu menino é linde, e aquel?
- b. Estu é minhe namorade.
- c. Eu própie que falei.
- d. Fui eu mesme que a convidei.

Indefinidos:

Exemplos:

- a. todo/toda: tode
- b. nenhum/nenhuma: nenhume
- c. algum/alguma: algume
- d. certo/certa: certe
- e. vários/várias: váries

Exemplos de usos em frases:

- a. Todes estão presentes.
- b. Certes menines não lavaram a roupa.

Relativos:

Exemplos:

- a. cujo/cuja: cuje
- b. quanto/quanta: quante

Exemplos de usos em frases:

- a. Le irmane del, cuje cozinha muito bem, está fazendo um bolo.
- b. Quantes negres tem esse programa?

Numerais Ordinais:

Exemplos:

- a. primeiro/primeira: primeire
- b. segundo/segunda: segunde
- c. terceiro/terceira: terceire

Exemplo de uso em frase:

- a. Elu foi le terceire a chegar.

Numerais Cardinais:**Exemplos:**

- a. um/uma: ume
- b. dois/duas: dues

Exemplos de usos em frases:

- a. Ali tem ume menine.
- b. Estus são ês minhes dues melhores amigues.

Universais:**Exemplos:**

- a. ambos/ambas: ambes

Exemplo de uso em frase:

- a. Ambes les bebês estão bem.

Em termos gerais, essas são as mudanças propostas para o português brasileiro no que tange à tentativa de neutralizar a expressão de gênero, embora outros detalhes possam ser acrescentados. Uma análise, mesmo que concisa, da proposta e dos exemplos dados, mostra que as modificações sugeridas se destinam, exclusivamente, para quando a linguagem é utilizada em casos de representações de seres humanos. Em casos de representações de outros seres vivos e de seres inanimados, o sistema continuaria como é. Isso criaria um terceiro padrão de concordâncias que precisaria ser selecionado pelos falantes nos casos específicos, como se vê nos exemplos dados:

- a. Le irmane (linguagem neutra) está fazendo um bolo (linguagem natural - gênero masculino).
- b. Certes meninas (linguagem neutra) não lavaram a roupa (linguagem natural - gênero feminino).
- c. Minhe namorade (linguagem neutra) não gostou do repolho cozido (linguagem natural - gênero masculino).

5.4. UMA ANÁLISE SUCINTA DAS PROPOSTAS APRESENTADAS

É evidente que as propostas complexizam o sistema de gêneros gramaticais e concordâncias naturais do português, o que pode ser uma dificuldade para a implementação do que se propõe. Ademais, implementam uma relação referencial pouco natural no processo de gramaticalização, o que, também, complexiza o sistema.

É interessante notar que, depois de constituídas e consolidadas como sistemas linguísticos completos, a tendência natural é que os sistemas gramaticais das línguas sejam naturalmente simplificados. Assim é que o sistema pronominal do português está perdendo a segunda pessoa gramatical do plural e suas concordâncias (por exemplo: vós ides) e a concordância de segunda pessoa gramatical do singular está sendo absorvida pela forma de terceira pessoa do singular (por exemplo: *tu vai/ você vai). O mesmo aconteceu com o inglês, que perdeu a segunda pessoa gramatical e os pronomes correspondentes, como já citado. Logo, a complexização de um sistema gramatical linguístico, ainda mais nos níveis propostos, pode se constituir como uma séria dificuldade prática na implementação de uma proposta assim. Mas, isso é algo que apenas o tempo poderá constatar.

Em outras palavras e como se vê, trata-se de uma propositura ampla e, que em certa medida e como dissemos, altera profundamente as formas de concordância naturais da língua. Em algumas construções, o resultado se aproxima de uma outra língua natural que não o português (por exemplo: “*Estus são ês minhes dues melhores amigues.*”). Ou seja, a proposta, para sua implementação, demandaria profundo aprendizado por parte dos falantes nativos já fluentes. Isso se minimizaria grandemente, é claro, se tratamos de um caso de primeiro aprendizado por parte de uma criança recém-nascida. Mas, nesse processo de aprendizado, a fase mais crítica seria justamente aquela em que falantes fluentes se empenhassem na assimilação das modificações: a dificuldade de aprendizado de um sistema tão complexo poderia criar uma pseudo-crioulização temporária do sistema, em que cada falante usa da proposta como conseqüência, gerando uma linguagem com aprendizados distorcidos em relação ao padrão inicial, o que pode desencadear, em certos níveis, uma “pidginização” da fala, com fortes conseqüências na organização do sistema gramatical existente. Também é algo sério a se pensar.

A professora Fátima Pessoa, atuante na Faculdade de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará (Fale/PPGL/UFPA), acredita que o uso de formas linguísticas neutras ou não binárias está diretamente relacionado à interação entre linguagem e sociedade. Isso significa que a linguagem reflete e influencia a forma como a sociedade se estrutura e se organiza. “O que testemunhamos, na atualidade, como defesa de formas linguísticas neutras ou não binárias em relação à referenciação de gênero social é um movimento legítimo pelo reconhecimento e pela expressão da pluralidade das experiências humanas”. (PESSOA, 2021 apud SOUZA, 2021)

Porém, é preciso reconhecer que a legitimidade ideológica de um movimento social não implica na aceitação tácita de uma proposta como essa que se coloca. Isso, como já dissemos, não depende apenas do desejo de um grupo social e, muito menos, de um decreto: as mudanças linguísticas são feitas pela aceitação, por parte do corpo social, daquilo que se propõe. E, é evidente, isso em nada afeta o fato de que um grupo social específico possa fazer adoção de uma forma de falar que o agrada. De acordo com Fátima Pessoa (2021 apud Souza, 2021), o uso de formas linguísticas neutras ou não binárias em relação à identificação de gênero social impacta a maneira como as pessoas que falam português constroem seu repertório linguístico. Por isso mesmo, ela afirma que aquilo que se propõe como linguagem neutra, se adotado for, poderia trazer profundas alterações nas formas de expressão naturais do português brasileiro. “O que testemunhamos são configurações de novas possibilidades de expressão que alteram os usos habituais da língua, com potencial para gerar mudanças na sua estrutura, as quais ainda não somos capazes de determinar. (PESSOA, 2021 apud ZOUZA, 2021).

O tema da linguagem neutra para o português brasileiro tem suscitado amplo debate em diversos setores da sociedade, desde movimentos sociais até a academia. Grupos defensores da diversidade de gênero têm promovido a adoção dessas práticas, enquanto outros setores apresentam resistência, alegando que a língua portuguesa já possui formas de neutralizar o gênero.

Em 2020, o vereador Carlos Bolsonaro, de extrema direita, apresentou um projeto para proibir o uso de gêneros neutros em escolas públicas e particulares do Rio de Janeiro.

Na prática, o projeto quer vetar o uso, principalmente, das expressões "todes" e "todxs", que surgiram como alternativa nos últimos anos para evitar a definição de

gênero apenas entre masculino e feminino. O recurso vem sendo utilizado como forma de não excluir pessoas transgêneras ou que não se identificam com algum gênero. (UOL, 2020)

Logo, como podemos ver, a aceitação e a implementação das práticas de linguagem neutra variam de acordo com diferentes grupos e contextos sociais, mas é inegável o impacto que a ela pode ter no português brasileiro caso sua adoção passe de um grupo específico de falantes para o todo do corpo social. Além da linguagem em si, que seria o instrumento dessa mudança, o que se acredita é que o uso de formas consideradas “neutras” de linguagem motivaria práticas sociais e linguísticas que buscam tornar a linguagem mais inclusiva e sensível à diversidade de identidades de gênero. Porém, como os estudos linguísticos têm caráter eminentemente antropológico e como as práticas humanas são, em grande monta, imprevisíveis, uma vez que motivadas por um conjunto de fatores tão complexo que Ciência alguma conseguiria dominar com a necessária preditividade, ainda não é possível prever se esses usos propostos, por mais ideologicamente legítimos que sejam, poderão ser incorporados:

- a. em primeiro lugar, à norma oral da maioria do corpo de falantes do português;
- b. em segundo lugar, à norma culta e às gramáticas descritivas no futuro;
- c. em terceiro lugar, ao ambiente da linguagem oficial.

Finalmente, também não temos como mensurar, hoje, o impacto que isso teria na educação geral do povo e, nem mesmo, em relação aos objetivos específicos a que a proposta se atém. Sobre isso, podemos nos perguntar:

- a. Realmente, uma vez implementada e aceita essa forma de linguagem, haveria mais respeito e mais sensibilidade em relação às pessoas não binárias?
- b. Realmente, a implementação de uma proposta assim acabaria ou, pelo menos, amenizaria o preconceito e a violência hoje existentes contra essas pessoas?
- c. De fato, a visão que certos grupos sociais têm de pessoas não binárias, seja fundamentada em meros preconceitos, seja em alegações de cunho religioso e/ou político, seria modificada?
- d. O caminho da mudança linguística é o mais profícuo para se atingir os objetivos esperados ou o melhor caminho seria outro?

São perguntas importantes que só o tempo poderá responder.

5.5. AVALIAÇÕES DE LINGUISTAS E DE GRAMÁTICOS SOBRE ESSA PROPOSTA

Diferentes linguistas têm opiniões diversas sobre a proposta da linguagem neutra. Alguns defendem que seja uma importante menirae para promover a igualdade de gênero e inclusão de pessoas não-binárias na comunicação. Eles argumentam que o uso de pronomes neutros e formas de tratamento neutras podem contribuir para uma sociedade mais igualitária. No entanto, outros linguistas questionam a viabilidade e eficácia da linguagem neutra, destacando que a gramática e a estrutura da língua podem tornar difícil a adoção generalizada desse tipo de linguagem. Além disso, há preocupações sobre a artificialidade e falta de aceitação social dessa linguagem, especialmente em contextos informais. Em geral, os linguistas concordam que a questão da linguagem neutra levanta importantes debates sobre identidade de gênero, poder das palavras e formas alternativas de comunicação. Vejamos o que dizem quatro desses especialistas.

Marcos Bagno

Em 22 de março de 2023, o *Blog da Parábola Editorial*, publicou um texto do professor Marcos Bagno, intitulado de *Linguagem neutra e fascismo*, em que o mesmo nos mostra alguns equívocos que até mesmo dicionários do nível do *Houaiss*, cometem, “é interessante observar que, no Dicionário *Houaiss*, a primeira definição dada a *vaca* é ‘fêmea do boi’, enquanto para *boi* o que se encontra é ‘designação comum aos mamíferos artiodáctilos do gên. *Bos*, da fam. dos bovídeos’...” (BAGNO, 2023) Bagno ainda completa dizendo que é um tanto curioso o fato de que o mesmo tratamento não se aplica à definição da palavra boi, que não é designado como “macho da vaca” e destaca que: “Durante dois mil anos, todos os dicionários e gramáticas foram escritos por **homens**: não admira, portanto, que o masculino tenha sido considerado desde sempre como o básico, o princípio, o óbvio, o natural... a **norma**.” (BAGNO, 2023)

O autor diz que o sexismo tem sido historicamente enraizado em quase todas as sociedades e é frequentemente apoiado até pelas principais religiões. No *Talmud² de Babilônia* - Tratado "*Menachot*" 43 B , segundo Bagno (2023) está escrito:

² “O Talmud é uma coleção de escritos que cobrem toda a gama de leis e tradições judaicas, compiladas e editadas entre o terceiro e sexto séculos.” (SHURPIN, 2022)

“O Rabi Meir disse: O homem deve recitar três bênçãos cada dia, e elas são: Que me fizeste (do povo de) Israel; que não me fizeste mulher; que não me fizeste ignorante”

Isso também se reflete na maneira como a linguagem é utilizada, completa Bagno (2023) “A língua é sim utilizada para oprimir, discriminar e violentar grupos sociais, etnias e até populações inteiras”.

O autor relembra que foi a ex-presidenta Dilma Rousseff quem sancionou uma lei, em 2012, que obriga instituições públicas e privadas a empregarem flexão de gênero em profissões e graus nos diplomas expedidos. A lei estabelece ainda que as pessoas já diplomadas poderão requerer das instituições a reemissão gratuita dos diplomas, com a devida correção. Marcos Bagno diz que o sentimento de uma só pessoa não deve servir de régua para todo o resto da sociedade. Visto que, se uma pessoa não se sente ofendida com o masculino genérico no português brasileiro, (como na expressão “Bom dia a todOs), não significa que todos devem se sentir bem com isso. “São as e os falantes, todas e todos, letrados e não letrados, que, em suas múltiplas interações diárias por meio da linguagem, configuram, desfiguram e reconfiguram a língua”. (BAGNO, 2023)

“A língua também muda pela ação de grupos sociais ou de instituições estatais, principalmente na nossa era de celebridades e *influencers*. Essa ação se chama **glotopolítica**. (BAGNO, 2023) Marcos Bagno afirma que até mesmo o estado é capaz de interferir não somente na língua, mas também no status da língua, definindo umas como oficiais, reprimindo o uso de outras e até mesmo partindo para o aniquilamento daqueles que ousarem descumprir suas ordens. O autor cita como exemplo a história das línguas indígenas no Brasil, definido como “uma longa e terrível coleção dessas tragédias”. “Que outra coisa é a norma-padrão prescrita pela tradição gramatical, senão uma interferência direta de um restrito grupo social para reger e regulamentar os usos linguísticos?” (BAGNO, 2023)

O autor ainda cita um exemplo recente que ocorreu no ano de 2015. A Academia Sueca da Língua oficializou a inclusão do pronome neutro de 3ª pessoa "hen" em seu glossário, juntando-se a "hon" (feminino) e "han" (masculino). Essa mudança linguística foi influenciada por usos que datam da década de 1960, “É de novo o Estado intervindo na mudança linguística.” (BAGNO, 2023) “Democracia também é ter sensibilidade para com as demandas linguísticas das pessoas, por menor que seja seu número”. (BAGNO, 2023)

Por fim, Bagno conclui que: “nunca é demais insistir, a língua não tem ‘objetivo’ nenhum: nós, falantes, é que realizamos atividades linguísticas para determinados fins e, principalmente, para **resolver problemas sociais**. (BAGNO, 2023). Investir na educação e debater a linguagem neutra não são atividades opostas. Enquanto o primeiro é um projeto amplo, demorado e custoso de Estado, o segundo não exige nenhum gasto significativo. O autor ainda diz que as pessoas que reivindicam uma linguagem neutra não querem obrigar ninguém a usar essa linguagem.

Porém, é nosso dever de imparcialidade notar que a posição de Bagno neste ponto é relativamente “esquiva”. Se, por um lado, ele cita exemplos de intervenção estatal na língua, ele insinua a oficialização da linguagem neutra, o que tem custos elevadíssimos para qualquer estado letrado (alterações nos dicionários, nos livros didáticos, nos demais livros, nas páginas oficiais de Internet, nos documentos legais etc.) e, por outro lado, obrigaria a todos seu uso. Logo, essa afirmação de que “as pessoas que reivindicam uma linguagem neutra não querem obrigar ninguém a usá-la” é evasiva e irreal diante da própria argumentação do linguista. O próprio ideário de se debater socialmente uma linguagem neutra é obviamente voltado para sua adoção por todos. Na mesma direção fica a seguinte citação: “Para mim, o uso da linguagem neutra entra no mesmo caso do ‘se você é contra o casamento de pessoas do mesmo sexo, não se case com uma, mas deixe em paz quem quer se casar’ ”. (BAGNO, 2023). Ora, é claro que casamento de pessoas do mesmo sexo é um ato a dois. A adoção da linguagem neutra, por exemplo, em ambientes educacionais e legais é um ato coletivo, social, e não um ato a dois. Os exemplos não são equivalentes e o segundo não justifica o primeiro.

Vejam a posição de outra linguista.

Cíntia Chagas

A professora e escritora Cíntia Chagas foi convidada a dar sua opinião sobre as principais consequências do uso da linguagem neutra, pelo *Brasil Paralelo*. Chagas contestou o uso da linguagem não-binária, ressaltando as possíveis consequências negativas para certos grupos sociais. Ela apontou que deficientes auditivos, visuais e disléxicos, que representam uma grande parcela da população, não seriam, de forma alguma, beneficiados por essa mudança, uma vez que enfrentam diariamente dificuldades particulares e rotineiras. Segundo a escritora, adotar um novo padrão linguístico beneficiaria apenas uma minoria, o que não seria justo para

a maioria da população, "A linguagem inclusiva possui um paradoxo. Ela tenta incluir, mas exclui aqueles que não a aceitam e muitos outros" (CHAGAS, 2022), esclareceu a professora.

No último ano, o dialeto não binário, conhecido também como linguagem neutra, tornou-se tema constante nas mídias nacionais e internacionais. Amparado por um discurso pseudoinclusivo, esse novo modo de falar e de escrever, se vingasse, implicaria consequências desastrosas para a maioria das pessoas, que, obviamente, não apoiam tal modismo. (CHAGAS, 2022).

Chagas (2022) afirma que, além de sua complexidade cognitiva, esse dialeto introduziria palavras como todes, meninx, elu e ile. Os grupos com alguma forma de deficiência ou dificuldade seriam os mais afetados por estas mudanças. No entanto, a única comunidade que se beneficiaria dessa linguagem seria a pequena minoria que se identifica como não-binária. "Note-se, por exemplo, o caso dos surdos ou das pessoas com deficiência auditiva. Como elas fariam a leitura labial, por exemplo?" (CHAGAS, 2022) Os surdos já enfrentam desafios suficientes, sua língua materna é a Libras, seguida pela língua portuguesa. Uma nova sublíngua seria ainda mais complicado para eles, conclui a professora. Mas, na verdade, este não é um argumento totalmente válido. Da mesma forma que as línguas naturais, LIBRAS³ poderia ser adaptada a uma linguagem neutra, desde que houvesse interesse para tanto. O mesmo se aplica aos comentários da escritora sobre cegos, como vemos a seguir:

Na conjuntura dos cegos, a situação não é diferente. Os softwares de leitura por eles utilizados precisariam sofrer uma reprogramação, afirma, "A cada software lançado, os cegos têm de se adaptar, o que nem sempre é fácil. Seriam criados novos softwares única e exclusivamente por causa dos não binários?" (CHAGAS,2022) A professora ainda aponta a situação dos disléxicos, que representam de 5 a 17 por cento da população em idade escolar, de acordo com a Associação Brasileira de Dislexia. "O que fazer com esses estudantes? Impor a eles substantivos inexistentes, pronomes falsos e regras estapafúrdias que nada têm a ver com o nosso idioma?" (CHAGAS, 2022). Aqui, é claro que Chagas aponta para pseudo-argumentos de caráter meramente estético. Os disléxicos têm dificuldades naturais para aprender qualquer

³ libras

Sigla da Língua Brasileira de Sinais, usada por deficientes auditivos no Brasil, para se comunicarem através dos sinais que se equivalem às palavras, embora possua semelhanças com outras línguas gestuais, cada língua de sinais é única, com especificidades gramaticais próprias.

Ao usar as marcas linguísticas propostas com essa finalidade, as pessoas estão desempenhando um papel social significativo ao condenar as discriminações em suas produções linguísticas, tanto orais quanto escritas, diz a decana.

Apesar de concordar, a professora reconhece que não é um movimento de fácil aceitação social, “Entretanto, não se pode supor que, em um determinado momento da vida da sociedade, algum falante de uma língua, ou algum contingente de falantes, impelido pela motivação de uma conduta desejável, terá sucesso propondo uma alteração do ‘sistema’ da língua”. (Moura, 2022). De acordo com a professora, as línguas seguem um sistema a partir do qual os falantes naturalmente constroem linguagem sem a necessidade de aprendizado. “Se recuperarmos historicamente as alterações de sistemas linguísticos, até com extinção de línguas e com criação de novas línguas, veremos que as mudanças, em cada sistema, fizeram-se a partir do uso natural da língua por uma comunidade” (MOURA, 2022).

Ou seja, a professora Maria Helena reconhece a importância de um movimento que discute a igualdade social em uma sociedade democrática e não se opõe ao fato de que esse movimento eleja a língua como *locus* de batalha. Assim, manifesta certo apoio ao uso da linguagem neutra, ou “linguagem inclusiva”, como dito por ela, porém – e isto é o mais importante – reconhece cientificamente que as características de uma língua não mudam a partir de um *planejamento*, e sim do uso gradual e natural da mesma pelos falantes.

Luiz Carlos Schwindt

Em seu artigo *Sobre gênero neutro em português brasileiro e os limites do sistema linguístico*, o professor e linguista Luiz Carlos Schwindt, aponta que o uso de x e @ para inclusão de gênero na linguagem escrita tem recebido críticas devido à dificuldade de processamento por leitores automáticos, excluindo pessoas com deficiência visual. No entanto, embora a base dos sistemas alfabéticos faça alusão à oralidade, todos que conhecemos usados em línguas naturais são imperfeitos e resultam em correspondências imperfeitas entre escrita e fala. Ainda assim, determinar que letras não correspondem a sons numa língua seria contraintuitivo do ponto de vista científico. “

O uso de caracteres como x ou @ e o uso de e fechando substantivos e adjetivos é de fato uma estratégia de neutralização de gênero, em que se propõe o emprego de uma terceira marca além da masculina e da feminina. A oposição neste caso não seria privativa nem equipolente, mas gradual. (SCHWINDT, 2023)

Segundo o autor, o uso do sufixo -e para marcar o gênero neutro tem mais justificativa dentro da língua, uma vez que se alinha com o inventário fonológico e já desempenha um papel morfológico como marcador de classe gramatical. No entanto, a presença de palavras masculinas e femininas terminadas em -e pode afetar a evolução desse uso. Além disso, ao tentar introduzir uma forma neutra em -e para se opor a -a e -o, isso poderia assumir que essas últimas são marcadores respectivos de feminino e masculino, exigindo a distinção formal entre palavras como presidenta, "presidento" e presidente. Isso poderia limitar a capacidade das palavras de incluir todos os gêneros de forma eficaz, preferindo um contraste mais binário.

Duas questões que se impõem à formação de neutro tanto com caracteres como x e @ quanto com -e são a definição da referência semântica e a determinação ou indeterminação por artigos e pronomes, bem como a retomada pronominal. O problema da referência semântica é esperado neste tipo de mudança, em que se tem mais de uma possível entidade passível de ser representada: uma marca genérica para masculino e feminino, ou uma marca designando um terceiro gênero (SCHWINDT, 2023).

Como por exemplo:

- a. Amigues querides, bom dia!
- b. Bom dia amigas, amigos e amigues!

Por fim, Luiz Carlos Schwindt (2023) conclui que a questão da determinação através de artigos e pronomes, demonstra que o gênero não se limita apenas a uma informação lexical, mas é fundamentalmente um mecanismo gramatical utilizado pelo sistema linguístico por razões de economia, assim como no exemplo a seguir citado pelo próprio autor.

- “Meus(?) dois(?) amigues mais próximas, Vini e Léo, chegaram. Preciso dar atenção a eles(?)”

Como se pode ver, Schwindt apenas tece uma argumentação descritiva sobre o sistema e sobre a proposição de acréscimo de formas neutras representativas de seres humanos, mas para aí. Não há avaliações histórico-sociais de processos de mudança, ainda mais tão complexos como o que se propõe, o que deixa sua argumentação aquém do problema real da propositura de uma linguagem inclusiva.

Comparemos, agora, a opinião desses quatro autores apresentados com a da Academia Brasileira de Letras.

Academia Brasileira de Letras (ABL)

A Academia Brasileira de Letras não vê razão para adoção oficial da linguagem neutra. O presidente da ABL, Merval Pereira, afirmou que não é o momento adequado para incluir oficialmente expressões como "todes" na língua portuguesa. Essa foi a posição apresentada por ele durante uma reunião pública realizada, pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), para discutir o tema da linguagem neutra. Merval Pereira (2022) enfatizou que a ABL está analisando cautelosamente o tema. Ele apontou que a linguagem neutra ainda é um fenômeno emergente e restrito a grupos específicos, e destacou que qualquer mudança teria implicações complexas, pois afetaria a estrutura da língua portuguesa. Quanto ao uso da linguagem neutra em textos oficiais, deixou claro que, se adotado, esses textos não estariam em conformidade com os padrões da língua culta.

Os documentos oficiais devem seguir as normas oficiais que estão vigentes. Se o professor quiser falar 'todes' na sala de aula, ele estará prejudicando a maioria dos alunos que não sabe o que é isso. Ele também não pode obrigar os alunos a usarem a linguagem neutra, porque não há nada que obrigue a isso. (PEREIRA, 2023)

Em sua cerimônia de posse na ABL, a acadêmica Heloísa Teixeira chamou a atenção ao utilizar vocabulários neutros em seu discurso, o que gerou surpresa e especulações sobre a possível adoção desse tipo de linguagem pela Academia. No entanto, segundo Merval Pereira (2023), a intenção da nova acadêmica era homenagear o público LGBTQICAAPF2K + presente na cerimônia, mas causou "um espanto, como se a Academia Brasileira de Letras estivesse adotando a linguagem neutra naquele momento, não é nada disso".

O presidente da ABL destacou a importância de abordar o assunto com cautela, evitando tomar decisões precipitadas tanto em relação a uma possível oficialização, quanto a uma

possível rejeição completa. “A gente tem que ficar atento à continuidade do uso ou não dessa linguagem, ver até que ponto ela pode se ampliar na sociedade, fora do nicho na qual nasceu e que, no momento, só pessoas ligadas a esse nicho usam.” (PEREIRA, 2023) O presidente conclui dizendo que a não-aprovação é temporária, uma vez que o fenômeno é recente e ainda requer avaliação ao longo do tempo.

Como sempre, a ABL é cautelosa e alega que suas posturas oficiais dependem de consolidações de uso. Por exemplo, para que entre no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP), é necessário que uma palavra seja publicada reiteradas vezes e ambientes virtuais e em livros. Para mudanças de caráter sistêmico, a ABL exigiria uma adoção generalizada por todos os grupos sociais, o que pode demorar séculos. De toda forma, é papel da ABL ser conservadora. Para isso ela foi criada e para isso existe até hoje. Seu papel não é o de defender a democracia linguística nem as revoluções sociais, mas defender a norma padrão. Portanto, não há o que esperar na ABL no sentido de uma proposta de linguagem inclusiva além de resistência, pois é justamente esta a razão da existência da entidade.

Então, como vemos, a partir da opinião desses estudiosos da língua portuguesa que se manifestaram sobre o tema, podemos criar um quadro resumo das ideias gerais defendidas:

Aspecto abordado	Opiniões gerais
Justificativa ideológica	Concorda-se quase sempre com a relevância de uma inclusão social
Formato da proposta	Para a maioria, a proposta é por demais complexa e promove mudanças radicais no sistema linguístico que podem complicar muito as coisas
Abrangência	Há uma divisão quanto ao fato de que a proposta seja uma imposição de um pequeno grupo a um grupo maior, o que não seria democrático.
Facilidades	A proposta tem sido bastante debatida e comentada na mídia
Dificuldades	Aqui são muitas as dificuldades elencadas: a. necessidade de aceitação por parte de todos os falantes; b. custos sociais e econômicos;

	<p>c. difícil aprendizado; d. problemas que podem ser gerados para grupos com dificuldades de comunicação; e. anti-historicidade do processo; f. aspectos ideológicos envolvidos.</p>
Vai “pegar”?	<p>Ninguém tem como afirmar que sim nem que não. Somente a aceitação por parte do corpo social ao longo do tempo pode responder a esta questão.</p>

6. CONCLUSÃO

Diante das informações e argumentos coletados, as discussões em torno da linguagem neutra no português brasileiro se mostram complexas e controversas, suscitando debates acalorados entre linguistas e falantes da língua em geral. Por um lado, a proposta de adotar a linguagem neutra é vista como uma forma de promover a inclusão e a igualdade de gênero, uma vez que busca eliminar a predominância do uso do gênero masculino para referir-se a ambos os sexos. Por outro lado, surgem preocupações sobre a viabilidade e eficácia da implementação da linguagem neutra, assim como sobre seu potencial impacto na evolução da língua.

É crucial reconhecer a necessidade de equilibrar a inclusão social e a compreensão linguística ao abordar a questão da linguagem neutra. Por um lado, mudanças linguísticas drásticas e abruptas podem resultar em barreiras de comunicação e dificuldades de compreensão, além de enfrentar resistência por parte da sociedade. Por outro lado, é imprescindível refletir sobre como a língua pode acompanhar as transformações sociais em curso, possibilitando que todos os indivíduos se sintam representados e incluídos. Nesse sentido, é necessário buscar um equilíbrio entre a preservação da estrutura básica da língua portuguesa e a busca por formas de adaptá-la às demandas sociais pertinentes. Trata-se de um processo contínuo e dinâmico, que envolve a colaboração de linguistas, educadores, falantes nativos e demais envolvidos na questão da língua. A diversidade de opiniões e perspectivas evidencia a complexidade do tema e a necessidade de aprofundar as discussões em torno da linguagem neutra.

Portanto, considerando as diferentes visões apresentadas e a complexidade do tema, é fundamental que continue a pesquisa e a discussão sobre a questão da linguagem neutra no português brasileiro. Essa abordagem permitirá que cada leitor possa formar sua própria opinião a respeito do assunto levando em conta as diversas visões e argumentos apresentados, além do entendimento do que é, o que representa e qual a proposta desta nova linguagem para o português brasileiro. É preciso buscar um entendimento que equilibre a evolução da língua com as demandas sociais de inclusão e representatividade. Em última instância, a presente

pesquisa promove uma discussão enriquecida e uma abordagem mais sensata em relação à implementação da linguagem neutra.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de estado*. 7.ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

BACKTIN, Mikhail, *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, São Paulo, Hucitec, 1995.

BAGNO, Marcos. *Como e por que as línguas mudam?*. 27 de ago. de 2018. Disponível em: <https://www.google.com/amp/s/www.parabolablog.com.br/index.php/blogs/como-e-por-que-as-linguas-mudam%3fformat=amp> . Acesso em: 23 de out. 2023.

BAGNO, Marcos. *Linguagem neutra e fascismo*. Blog da Parábola Editorial, 2023. Disponível em: <https://www.google.com/amp/s/www.parabolablog.com.br/index.php/blogs/linguagem-neutra-e-fascismo%3fformat=amp>. Acesso em: 13 de nov. 2023.

CAÊ, Gioni. *Manual para o uso da linguagem neutra em língua portuguesa*. mai. 2020.

Carlos Bolsonaro apresenta projeto para proibir 'gênero neutro' em escolas. UOU, 2020. Disponível em: <https://www.google.com/amp/s/noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/12/04/carlos-bolsonaro-apresenta-projeto-para-proibir-genero-neutro-em-escolas.amp.htm>. Acesso em: 05 nov. 2023.

CUNHA, A. L. da; FERRAZ, A. P. *Expressões idiomáticas na sala de aula de língua materna: o tratamento dessas unidades lexicais no livro didático*. In: ALVES, I. M.; JESUS, A. M. R. de; OLIVEIRA, L. P. de; PEREIRA, E. S. (Orgs.). *Os estudos lexicais em diferentes perspectivas*. V. II. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2010.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo: de acordo com a nova ortografia*. 7º ed. Rio de Janeiro, RJ: Lexikon Editora, 2016.

FERRAREZI JUNIOR, C. *Introdução à Semântica de Contextos e Cenários: de la langue à la vie*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. 6. ed, São Paulo: Ática, 1998.
Linguagem inclusiva: Entenda a polêmica e as motivações. Redação Brasil Paralelo, 2022. Disponível

em: <https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/linguagem-inclusiva>. Acesso em: 15 nov. de 2023.

RODRIGUES LISKA, G. J.; FERRAREZI JUNIOR, C.; PAIXÃO MENDES, S. O vocabulário do município de Elói Mendes-MG - um recorte lexical no sul de Minas Gerais. **Domínios de Lingu@gem**, Uberlândia, v. 11, n. 3, p. 1007–1023, 2017.

SOUZA, Jéssica. *Linguagem neutra: uma proposta de comunicação mais inclusiva e de combate aos preconceitos*. 31 de maio de 2021. Disponível em: <https://portal.ufpa.br/index.php/ultimas-noticias2/12665-linguagem-neutra-uma-proposta-de-comunicacao-mais-inclusiva-e-de-combate-aos-preconceitos>. Acesso em: 02 nov. 2023.

SCHWINDT, L. C. *Sobre gênero neutro em português brasileiro e os limites do sistema linguístico*. Revista da ABRALIN, [S. l.], v. 19, n. 1, p. 1–23, 2020. DOI: 10.25189/rabralin.v19i1.1709. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1709>. Acesso em: 19 nov. 2023.

VICENTE, Emerson. *Professora e linguista com 70 anos no serviço público vê equívoco em termo 'linguagem neutra'*. ClickPB, 2022. Disponível em: <https://www.clickpb.com.br/cultura/professora-e-linguista-com-70-anos-no-servico-publico-ve-equivoco-em-termo-linguagem-neutra-326620.html>. Acesso em: 17 nov. 2023.

VILELA, Marlice. *Academia Brasileira de Letras não vê razão para adoção oficial da linguagem neutra*. Gazeta do Povo. 2023. Disponível em: <https://www.google.com/amp/s/www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/academia-brasileira-de-letas-nao-ve-razao-para-adocao-oficial-da-linguagem-neutra/amp/>. Acesso em: 20 nov. 2023.